

DONA

FÁBIO
GUSMÃO

VITÓRIA

JOANA

DA PAZ



A heroína por trás da
câmera que mudou a
história de um bairro
e marcou o país

 Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

DONA

**FÁBIO
GUSMÃO**

VITÓRIA

JOANA

DA PAZ

**A heroína por trás da
câmera que mudou a
história de um bairro
e marcou o país**

Copyright © Fábio Gusmão, 2024
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2024
Todos os direitos reservados.

Preparação: Fernanda Guerriero Antunes

Revisão: Ana Maria Fiorini e Carmen Costa

Projeto gráfico e diagramação: Futura

Capa: Estúdio Daó (Giovani Castelucci e Guilherme Vieira)

Imagens de capa e miolo: Fábio Gusmão / Agência O Globo

Caderno de fotos: imagens captadas a partir das gravações de Dona Vitória, gentilmente cedidas para a produção deste livro

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Gusmão, Fábio
Dona Vitória Joana da Paz / Fábio Gusmão. – 2. ed. - São Paulo :
Planeta do Brasil, 2024.
224, [32] p.

ISBN 978-85-422-2386-6

1. Vitória, Dona, 1925 2. Reportagens investigativas - Rio de Janeiro (RJ) 3. Reportagens e repórteres - Rio de Janeiro (RJ) 4. Tráfico de drogas - Rio de Janeiro (RJ) 5. Corrupção policial - Rio de Janeiro (RJ) I. Título

24-3730

CDD 070.449363450

Índice para catálogo sistemático:

1. Vitória, Dona, 1925 - Reportagens investigativas



Ao escolher este livro, você está apoiando o manejo responsável das florestas do mundo

2024

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra, 986 - 4o andar - Consolação
01415-002 - São Paulo - SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

1. Fazenda Barro Vermelho

Marcondes foi acordado às pressas pela mulher na manhã do dia 15 de maio de 1925. Estava na hora. A parteira, amiga da família, chegou correndo ao casebre, na Fazenda Barro Vermelho, uma propriedade localizada no interior de Alagoas.

Era o sexto parto de Rosália, mas isso em nada lhe aliviava o sofrimento. Depois de horas de esforço, escutou o choro do bebê. Era uma menina.

Emocionada, escolheu o nome de uma heroína para batizar a filha. Aqui, ela será chamada pelo nome que resume sua trajetória de vida: Vitória.

Vitória era franzina e tinha poucos cabelos, mas parecia gozar de boa saúde. Depois de contar todos os dedinhos e verificar que estavam em seus devidos lugares, Rosália beijou a filha e a entregou ao marido.

Marcondes tomou a menina nos braços e levou-a até a sala improvisada no único cômodo da casa. Ali, os cinco irmãos – três meninas e dois meninos, um deles com deficiência intelectual – esperavam ansiosamente pela caçula.

Deveria ser dia de festa, mas folga ali era luxo. Mais um filho, mais um motivo para trabalhar duro nas plantações da Fazenda Barro Vermelho. Tivesse um patrão qualquer, já seria motivo para esforço.

Mas seu caso era incomum. Filho de um abastado fazendeiro, Marcondes tornara-se empregado do próprio pai.

Duro, exigente, quase despótico, seu Jerônimo pertencia a uma tradicional família de fazendeiros alagoanos. Não admitia nenhum desvio no comportamento dos filhos. E desvio, para ele, era qualquer coisa que contrariasse sua opinião.

O casamento de Marcondes com Rosália foi o ponto culminante de muitas divergências em família. Primeiro, apesar de todas as proibições, Marcondes queria ser músico. Não desgrudava do acordeão e era bom repentista. Aquilo matava o pai de desgosto, mas ainda acreditava poder botar o filho no “bom caminho”.

Então, subitamente, um dia, o escândalo estourou: Marcondes tinha engravidado Rosália, sua prima. Foi o que bastou.

A primeira providência de Jerônimo foi casá-los. A segunda, logo depois da cerimônia, foi expulsá-los de sua casa. Naquela época, os pais arranjavam o casamento dos filhos, com direito a pagamento de dotes. No caso deles, aconteceu o contrário. Seu Jerônimo não admitiu tamanha afronta e deserdou o filho.

Sem dinheiro, sem ter onde morar, o casal foi viver em um casebre na propriedade da família, e Marcondes passou a trabalhar para o pai em troca do abrigo e de comida. Acordeão? Nunca mais.

Uma vida dura iniciava-se ali. Por sorte, Rosália e Marcondes se amavam; não tinha sido apenas um casamento por obrigação. De outra maneira, não teriam suportado tantas privações.

Marcondes chegava à plantação às cinco da madrugada e não saía antes das seis da tarde. Rosália cuidava da roça e da casa. Em pouco tempo, o casal já tinha três filhos dentro de casa. Comida não chegava a faltar, mas viviam no limite da subsistência.

Nem os netos amenizaram o rigor de Jerônimo, que continuava a negar ao filho as regalias que dava aos outros.

Certo dia, Marcondes decidiu voltar a tocar acordeão. Pretendia arriscar a carreira artística. Seria uma maneira de tentar ganhar algum dinheiro. Rosália apoiou o marido, mas impôs uma condição: que ele não abandonasse a lavoura. Não era apenas medo de arriscar o pouco que tinham o que a motivava. Temia, sobretudo, a reação dos sogros. Volta e meia, dona Maria das Dores lhes fazia visitas-surpresa, muito mais para controle do que por carinho.

Seria impossível esconder a retomada da música de seus pais por muito tempo, Marcondes bem o sabia. Mas nem ele nem Rosália imaginaram que seriam descobertos tão cedo. Antes de o marido sair para fazer sua primeira apresentação, Rosália avisou:

— Não chegue tarde. Sua mãe pode aparecer.

Dito e feito. Alertada por vizinhos, dona Maria soube que o filho estava tocando numa fazenda perto dali. Foi direto para o casebre.

— Cadê o Marcondes? — perguntou, irritada.

Rosália tentou de tudo para tirar a mulher dali. Impossível. Dona Maria permaneceu de plantão até as seis da manhã, quando Marcondes chegou, com o instrumento nas costas.

Era um pai de família, um homem que trabalhava duro para dar de comer aos três filhos, mas dona Maria o tratava como um moleque. Puxou o chicote e deu-lhe uma surra até vê-lo caído de joelhos.

Depois daquele dia, Marcondes nunca mais se atreveu a pegar no acordeão. O instrumento foi deixado de lado, bem como sua dignidade. Agora, só pegava na enxada e na foice, principais instrumentos utilizados no trabalho da lavoura.

Rosália, que até então só usava a máquina de costura para fazer a roupa dos filhos, passou a aceitar encomendas de vizinhas tão pobres quanto ela.

De sonhador, Marcondes tornou-se triste. A velhice ainda estava distante, mas não lhe sobrava ânimo. Na mesma época, o filho que

tinha deficiência intelectual morreu. Abatido, deprimido, Marcondes adoeceu. Pegou febre amarela.

Mesmo doente, não podia abandonar as plantações. Um dia sem trabalhar era um dia sem comida na mesa. Às sextas-feiras, ainda ajudava seu Jerônimo a matar um boi. As partes nobres eram divididas entre os irmãos. Para a família de Marcondes, só sobrava o bucho do animal. Rosália pegava a carne e seguia para o riacho próximo de casa. Era lá que lavava o bucho, antes de prepará-lo para as crianças. Um dia, Marcondes levantou cedo, como em todos os outros dias, antes das cinco horas. Sentia-se cansado, mais que o costume, mas decidiu seguir para a lavoura. O calor parecia mais intenso do que nunca. Enquanto trabalhava no canavial, teve um infarto. Os outros trabalhadores o socorreram e o levaram para a casa do pai. Morreu ali, algumas horas depois, deixando para trás Rosália e cinco filhos.

Rosália não podia contar com mais ninguém, nem mesmo para ajudar nas despesas com o enterro de Marcondes. Seu Jerônimo não desembolsou um tostão para comprar a urna. Foi preciso vender sua principal ferramenta de trabalho, a máquina de costura, para poder dar um sepultamento digno ao companheiro.

2. O barraco das ferramentas

O interesse de Jerônimo pelo destino da família, que já era pouco, esgotara-se com a morte de Marcondes. A partir dali, que se virassem.

Nem mesmo o casebre puderam manter. Rosália e as crianças foram transferidas para uma construção precária, abafada, entulhada de ferramentas e coberta apenas por um telhado esburacado. Um barraco para guardar ferramentas, e não para ser habitado por gente. Nos dias de chuva, inundava. Era preciso botar as crianças dentro de caixotes virados para que não se molhassem.

Para piorar, Rosália não tinha mais sua máquina de costura. Teve de procurar trabalho numa fazenda vizinha e tirar Antônio, o filho mais velho, da escola. Era o único que estudava, mas agora precisava trabalhar.

Antônio era revoltado com a situação em que viviam. Mas não tinha apenas raiva, tinha fibra também. Ainda era um adolescente, mas ver a mãe e os irmãos enfurnados em um barracão destinado a guardar ferramentas, que inundava a cada chuva mais forte, lhe fazia mal. Um dia, pegou uma foice e um machado e seguiu para a mata. Cortou madeira até não poder mais. Arrumou palha. E começou a erguer uma casa. A iniciativa comoveu os vizinhos, que se uniram em mutirão. A casa ficou tão boa que cada um conseguiu ter um pequeno quarto.

Com essa mesma determinação, Antônio acabou se tornando um dos melhores vaqueiros de Alagoas. Conseguia domar cavalos chucros e enfrentava bois que metiam medo em muito peão valente. Os pagamentos pelos serviços também acompanharam a fama do rapaz. Não demorou muito e a família já tinha resgatado o conceito de dignidade. Dona Rosália conseguiu até comprar uma nova máquina de costura.

Foi nesse ambiente que Vitória cresceu. Um ambiente em que as dificuldades eram vencidas com luta. Mas a menina também queria trabalhar. Era a única com tino para os negócios. Combinou com a mãe e passou a fazer arroz-doce para vender. Dona Rosália comprava o material, e ela preparava o doce. Em seguida, colocava numa bandeja e vendia para as pessoas que passavam em frente à sua casa.

— Minhas irmãs eram loucas por uma festa, por uma farra, e sabe qual era a minha diversão? Fazer arroz-doce para vender. Enquanto elas dançavam, se divertiam, eu ganhava um trocado. Havia aqueles caipiras, que seguiam para a feira perto da nossa casa. Eles vinham descalços da fazenda e passavam lá para lavar os pés, botar o chinelo e entrar na feira. Aí eu aproveitava para vender — contava Vitória, mostrando marcas pelo corpo, feitas pelo fogão a lenha, que o tempo não apagou.

O negócio prosperou e Vitória apostou em outro tipo de doce. Com as sobras de coco que a mãe usava para fazer comida, ela preparava cocada. Quando a sobra era pouca, acrescentava mamão verde.

Pouco tempo depois, a família passou a trabalhar para a Fazenda Boa Vista. A mudança de casa ajudou no projeto de vida da menina. Aos 13 anos, soube que uma professora tinha acabado de abrir uma escola no meio do mato. Decidiu estudar.

A escola era paga. Custava 200 réis. Mas Vitória teimou e conseguiu tirar a promessa da mãe de que iria ajudá-la. Com muita dificuldade, dona Rosália passou a levar e buscar a filha caçula. A volta do colégio só acontecia depois das seis da tarde, quando a mãe de Vitória saía da

lavoura. Por passar o dia inteiro estudando, a menina aprendeu a ler em pouco tempo.

— Na primeira vez em que peguei um livrinho de cordel que achei na estrada e comecei a ler, vi que era cheio de pornografia. Comecei a ler, e todo mundo ria — lembrava.

Força de vontade não lhe faltava, e os progressos eram visíveis. Vitória só tinha dois interesses na vida: vender doces e estudar. Lia com desenvoltura e cativava os amigos da família com suas interpretações dos textos. Não faltava quem lhe trouxesse um cordel, uma revista, só para ver a menina ler em voz alta e clara. Mulher leitora, naquele tempo e lugar, era raridade.

Foi assim que um fazendeiro da região, chamado Leôncio, aproximou-se da família. Sempre trazia um livro para a menina e, assim, foi ganhando sua confiança.

Nem por isso Rosália facilitava. Todo dia, pela manhã, ao sair para o trabalho, passava a tranca na porta e mantinha a filha fechada, na companhia de seus livros e com a obrigação de cozinhar e arrumar a casa.

Leôncio, no entanto, rondava o local fazia tempo. Já conhecia bem os horários da família. Sabia que a menina ficava sozinha e que, em obediência à mãe, não abriria a porta para ninguém. Mas também sabia que as janelas ficavam abertas.

Foi por uma dessas janelas que, certo dia, entrou e violentou a menina. Para fazê-la parar de gritar e espernear, usou o mesmo argumento com o qual obteve seu silêncio por muito tempo:

— Fique quieta. Se abrir a boca, eu mato os seus irmãos.

3. Arremessada ao mundo

Tempos mais tarde, Vitória descobriu que Leôncio já havia estuprado várias mulheres. E também que a ameaça não era da boca para fora. Já trazia uma morte nas costas – justamente um marido que fora tirar satisfações do mal que o fazendeiro tinha feito à sua esposa.

Mas muitos anos ainda teriam de passar até que ele próprio fosse também assassinado.

Antes disso, fez da vida da menina um inferno. Conseguiu intimidá-la e retornou muitas vezes. Seguia-a no caminho da escola.

De falante e alegre, Vitória tornou-se calada e arredia. Ninguém entendia o motivo da mudança repentina.

Leôncio monitorava seus passos, espreitava. Como resultado dos constantes estupros, a menina engravidou. As ameaças tornaram-se mais severas. O criminoso era casado e não queria ter sua reputação abalada. Para ocultar a gravidez, escreveu um bilhete e mandou Vitória copiar. Ali, a adolescente dizia para a mãe e para os irmãos que estava indo embora com uma pessoa e que não voltaria mais.

Quando terminou de copiar o texto, com a letra trêmula, e entregou-o a Leôncio, teve a certeza de que estava assinando um bilhete só de ida para o inferno.

Combinaram a fuga para dali a alguns dias. Era uma noite chuvosa, e o fazendeiro foi buscá-la pessoalmente. Vitória pulou a janela, levando sua trouxa, e deixou-se conduzir pela noite fria.

O destino era a cidade de Paulo Jacinto, que ficava a 104 quilômetros de Maceió. Não havia condução para lá, era preciso caminhar. E foi o que fizeram durante toda a noite, andando por estradas escuras, atravessando rios com a água pelo pescoço, a trouxa na cabeça e um medo imenso de ser arrastada pela correnteza. Depois o frio, e mais chuva.

Décadas mais tarde, Vitória lembraria:

— Ele podia ter me executado ali e fugido. Ninguém ia saber. Mas foi comigo até o fim para ter certeza de que eu estava mesmo indo embora. E para bem longe.

Em Paulo Jacinto, uma Vitória exausta e enlameada foi entregue a uma prima de Leôncio. A mulher olhou-a de alto a baixo e conduziu-a a um quarto, que foi trancado a chave. As refeições eram servidas ali. Estava em cativeiro.

Ao fim de quinze dias, Leôncio reapareceu. Daquela vez, para dar à situação uma solução que lhe parecia definitiva. Mandou que Vitória arrumasse suas coisas. Sem nada dizer, acompanhou-a numa viagem de trem até Maceió. Lá chegando, conduziu-a à casa de um primo, deu-lhe um envelope com 100 mil-réis e disse adeus. Retornou no mesmo dia à cidade natal, com a declarada intenção de nunca mais vê-la.

Para sorte de Vitória, o tal primo de Leôncio era uma boa pessoa. Inácio – seu nome – era um policial à moda antiga, desses que acreditam possuir a missão de proteger os desprotegidos. Arrumou um emprego para Vitória como doméstica e orientou-a nos primeiros percalços de cidade grande.

E não foram poucos. Além de precisar perder o medo de um lugar que lhe parecia imenso e incompreensível, Vitória teria de reaprender a se relacionar com as pessoas. O estupro, a tensão extrema a que fora

submetida, o fato de ter sido arrancada de casa e jogada no mundo tinham-na transformado em uma moça assustada e retraída.

No entanto, nem por estar completamente acuada, conseguia se submeter às humilhantes condições de trabalho que cercavam a vida das empregadas domésticas nordestinas na década de 1940. Era comum ser obrigada a dormir no chão, em quartos insalubres, verdadeiras senzalas. Ela contava:

— Numa das casas onde trabalhei, todos os empregados ficavam numa dependência só. Os patrões pagavam pouco e por isso conseguiam ter vários empregados. Mas o lugar era horrível. Ninguém cuidava da limpeza na área em que nós ficávamos. Havia empregado que comia e jogava o resto de comida no chão. Eu acordava no meio da noite com as formigas em cima de mim.

Vitória estava, sim, acuada. Traumatizada pelo estupro, pela gravidez indesejada e pelo terror. Mas a menina corajosa que existia nela não estava morta.

Ao contrário da maioria dos empregados, não aceitava as condições de trabalho a que era submetida e sempre decidia sair. Do seu jeito, com os olhos baixos e pouquíssimas palavras. Enquanto isso, a barriga não parava de crescer. Até que chegou a uma situação-limite. O dinheiro dado por Leôncio lhe tinha sido roubado em uma das casas onde trabalhara. Restavam apenas uns trocados, resultado do trabalho. Mas logo a criança nasceria.

Acreditava não poder voltar para casa. Leôncio a havia advertido que a família estava tão revoltada com sua fuga que a mataria se regressasse. Era mentira. Mas, confusa e amedrontada, Vitória temia retornar ao único lugar onde poderia ser realmente acolhida.

Depois de idas e vindas que não a levaram a lugar algum, decidiu voltar para a casa da prima de Leôncio em Paulo Jacinto. Sem dinheiro suficiente para a viagem, tentou de tudo, até mesmo a mendicância.

Acabou decidindo empreender a viagem a pé. Não tinha temperamento para mendigar. O orgulho lhe dava forças.

Força, no entanto, não quer dizer conhecimento. Grávida de oito meses, sem a menor noção de distância, enfrentou uma duríssima jornada. Caminhou dia e noite, pouco dormindo porque não tinha onde pousar a cabeça em segurança. Acabou chegando ao seu destino faminta, imunda, em andrajos, com a sandália em trapos.

Nem mesmo a visão da menina grávida e corajosa amoleceu o coração da prima de Leôncio. Mal abriu a porta, avisou que não lhe daria abrigo. Segundo a mulher, a polícia andava atrás de Vitória, e ela não queria complicações. Despachou-a com palavras hostis, como quem descarta um problema que não é seu.

Mais uma vez, o orgulho falou mais alto do que o juízo. Escorçada, Vitória decidiu procurar uma amiga da família chamada Josefa, que morava num lugarejo próximo. Próximo para quem possuía um cavalo, que fique bem claro. A pé, foram mais três dias de caminhada.